

Mulford condiciona apoio ao Brasil

Ajuda americana à negociação da dívida depende do esforço do País para cumprir metas

PAULO SOTERO
Correspondente

BANGCOC — O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, evitou assumir um compromisso claro de apoio à posição brasileira nas negociações com os bancos credores. Ele prefere esperar a aprovação do programa econômico pelo Fundo Monetário Internacional e as demonstrações do governo brasileiro de que será capaz de cumpri-lo.

Durante café da manhã no Hotel Regent, Mulford teve ontem conversa de uma hora com o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Foi quando ele disse a Marcílio que uma intervenção americana a favor do Brasil dependerá, essencialmente, da quantidade e da qualidade

dos progressos que o governo Collor conseguir realizar nos dois meses de prazo dados para fechar o acordo com o FMI e conseguir sua aprovação pela diretoria do Fundo. O próprio ministro foi comedido ao relatar o encontro. "Seria bom que tivéssemos um empurrãozinho", disse Marcílio.

Falando ao **Estado**, Mulford descreveu seu encontro com Marcílio como uma conversa meramente informativa. "Estamos dispostos a ajudar o Brasil, mas o governo não está pronto ainda (para pedir ajuda)". Mulford deixou claro que não "torcerá o braço" dos banqueiros para forçá-los a aceitar os termos apresentados pelo governo brasileiro.

Segundo outras fontes, Mulford disse a Marcílio que o Tesouro não concorda com o argumento usado pelo governo para negar o pedido dos bancos de concessão de garantias oficiais ao pagamento de juros. A alegação brasileira é a inexistência desse ponto no pacote mexicano.

Mulford mostrou a Marcílio que, ao contrário do Brasil, o México nunca interrompeu os pagamentos aos credores. Disse também que, ao usar esse argumento, o governo brasileiro apenas aumenta as fortes dúvidas que já existem sobre a credibilidade do programa de ajustamento que está sendo negociado.

O resultado da conversa com Mulford certamente não surpreendeu Marcílio. Mas mostrou quão íngreme, estreito e acidentado é o caminho que o ministro da Economia terá de percorrer, nas próximas semanas, para cumprir os compromissos que assumiu, em nome do governo, perante a comunidade financeira internacional.

"O pior já passou", disse Marcílio, num almoço que ofereceu ontem aos jornalistas brasileiros que acompanham a reunião anual do FMI e do Bird. "O importante é acreditar-mos que a crise tenha deixado lições, para evitar sacrifícios em vão", afirmou o ministro. "Já batemos no fundo do poço."